
DISCURSO DO DISCENTE DE ADMINISTRAÇÃO SOBRE UNIVERSIDADE, CURSO, ADMINISTRAÇÃO E ADMINISTRADOR

ADDRESS OF STUDENTS OF ADMINISTRATION ON UNIVERSITY, COURSE, ADMINISTRATION AND MANAGER

Data de submissão: 18 jan. 2010. Data de aprovação: 18 set 2010. Sistema de avaliação: Double blind review. Universidade FUMEC/FACE. Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho. Prof. Dr. Luiz Cláudio Vieira de Oliveira. Prof. Dr. José Marcos Carvalho de Mesquita

Ana Cristina Batista-dos-Santos
Universidade Federal Rural do Semi-árido

Emanuelly Alves Pelogio
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Mauro Lemuel Alexandre
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Monique Fonseca Cardoso
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Yákara Vasconcelos Pereira Leite
Universidade Federal Rural do semi-árido

RESUMO

O texto tem como objetivo compreender as representações de universidade, curso, Administração e administrador, de graduandos em Administração – iniciantes e concluintes – de duas universidades públicas federais de um estado do nordeste brasileiro. Realizaram-se dois tipos de entrevistas, com doze sujeitos. Dentre os resultados, destacam-se algumas dimensões. Quanto à universidade, as mais recorrentes são: inserção no mercado, crescimento, gratuidade, status, independência, entre outras. Sobre o curso de Administração, fala-se sobre vocação, conveniência, curso generalista, curso complementar, curso substituto e, ainda, curso voltado para a prática. No tocante às representações de Administração, predominam: ciência, arte, mediação, pragmatismo, senso comum e adiamento. Sobre o administrador, há um silêncio discursivo, emergindo em seu lugar: o professor, o empreendedor e o servidor público. Os resultados autorizam afirmar que ainda é necessário refletir sobre a natureza e o papel da Administração na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Administração, administrador, universidade, estudantes, pesquisa qualitativa.

ABSTRACT

The text aims to comprehend University, course, management and manager representations of Business Administration students – beginners and seniors – of two federal public universities at a specific state in northeast Brazil. Two types of interviews were realized with twelve subjects. We detached some dimensions among the results. The most frequent ones about university are: market insertion, growth, gratuity, status, independence. Skills, convenience, generalist course, complementary course, ongoing replacement and also a directed to practice course about the course matter. Regarding course of management representations predominate: science, art, mediation, pragmatism, common sense and postponement. About manager there is a silent discourse emerging in its place as: teacher, entrepreneur and public servant. The results pointed out that, it is still necessary to reflect on the nature and role of management in society.

KEYWORDS: Administration, manager, university, students, qualitative research.

INTRODUÇÃO

Este texto socializa os resultados de uma pesquisa em que se empreendeu uma escuta a estudantes universitários de Administração, a respeito de quatro dimensões que se acham mutuamente interligadas, na área de ensino e pesquisa em Administração, a saber: universidade, curso, Administração e administrador.

Covre (1982) desenvolveu interessante trabalho sobre a formação, posicionamento e função do administrador na sociedade brasileira concentrando-se, em termos temporais, nas décadas de 60 e 70 do século XX, tempos de prevalência da ideologia desenvolvimentista. Partiu de uma proposição central de que os administradores servem à acumulação do capital, sendo um de seus principais agentes históricos.

Contemporaneamente, Gurgel (2003) desenvolveu um estudo cuja questão de pesquisa era saber qual a dimensão que ocupa hoje o discurso teórico fragmentário da chamada administração flexível – centrado numa variedade de ferramentas gerenciais - que se desenvolve no interior das escolas de administração. Após pesquisar os cursos de Administração da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, Gurgel (2003) percebeu que a dimensão ideológica subjacente à chamada administração flexível contemporânea é dominante a qual tem sido apregoada como substituta à igualmente ideológica administração burocrática desvelada no estudo de Covre (1982). A partir disso, Gurgel (2003) demonstra serem as chamadas tecnologias gerenciais flexíveis, ensinadas atualmente nas escolas de gestão, o veículo de inculcação da ideologia neoliberal visando à continuidade da acumulação capitalista.

Pressupondo, então, que a universidade forma uma mão-de-obra gerencial, tanto em nível técnico quanto ideológico, este trabalho, tal como os estudos anteriormente descritos, considera relevante conhecer o ideário dominante no lócus de formação do administrador, e o faz a partir da fala do aprendiz. Assim, o estudo teve como objetivo geral compreender as representações de universidade, curso, Administração e administrador, de graduandos em Administração – iniciantes e concluintes – de duas universidades públicas federais de um estado do nordeste

brasileiro. Representação é aqui considerada no sentido de uma “idéia ou imagem que concebemos do mundo ou de alguma coisa” (HOUAISS, 2001), e no sentido de operação pela qual a mente tem presente em si mesma a imagem, idéia ou o conceito correspondente a um objeto que se encontra fora da consciência (JAPIASSÚ e MARCONDES, 1996). A representação é o foco escolhido, haja vista a sua relação dialética com a práxis.

Este artigo está formado por esta introdução, bem como pelas seções seguintes que embasam teoricamente o trabalho, intituladas: sobre a universidade; a Administração, seu ensino e o administrador. A estratégia metodológica é apresentada, para então, chegar à análise e discussão dos resultados e, finalmente, às considerações finais.

SOBRE A UNIVERSIDADE

Um debate que se mostra atual, dado o quadro de aceleradas mudanças porque passa a sociedade, especialmente no contexto interdependente dos mundos do trabalho e da educação, é quanto às variadas concepções de universidade e os discursos por vezes conflitantes sobre o papel e relevância deste construto social. Para Castanho (2000), há pelo menos duas concepções para o termo universidade: (a) a idéia relacionada ao caráter universal dos estudos, visão que imputa à universidade a tendência a abarcar a totalidade das disciplinas humanas, e (b) a concepção de Durkheim da universidade (*universitas*) como uma corporação no sentido de uma associação com certo grau de unidade e autonomia. Castanho (2000) explica que independente da concepção adotada, algumas características são peculiares à universidade e a acompanham desde suas origens: seu caráter público, a criticidade e a interdisciplinaridade.

Para Covre (1982), a universidade moderna deve ser entendida a partir de sua relação com a sociedade, podendo ser abordada a partir de três teses: a da universidade autônoma; a da universidade ligada aos interesses da classe dominante; a da universidade aberta e representativa de todas as classes.

Motta (1986) explica que o papel ideológico da universidade, como de outras organizações educacionais, se dá não tanto pela imposição de modelos abstratos, mas pela imposição dissimulada de modelos concretos de comportamento e de ação

que são fomentados nesse espaço social. Assim, sua “materialidade” deve ser estudada: “trata-se de estudar as ideologias como conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção.” (ALBUQUERQUE, 1985, p. 8). Isto leva a pensar, na visão de Motta (1986), ser discutível a crença quanto à existência de uma pluralidade ideológica no âmbito da universidade. Trata-se, para o autor, de modelos de pensamento unificadores, hegemônicos, que visam a intervir no âmbito das práticas.

SOBRE A ADMINISTRAÇÃO, SEU ENSINO E O ADMINISTRADOR

Caracterizada por seu traço multidisciplinar, a Administração figura entre as matérias com problema de identidade devido à variedade e disparidade de definições, que ora é conceituada como ciência, ora como arte, outras vezes como tecnologia, e, ainda, como um fenômeno político (AKTOUF, 2005; RAYMUNDO, 2006), assemelhando-se, na visão de Ramos (1983), metaforicamente a uma torre de babel. Disto, geralmente se depreende outra problemática que é a do seu ensino fragmentário (NICOLINI, 2001).

Gurgel (2003) argumenta que hoje a relação entre a tecnologia gerencial e educação se torna bem mais evidente do que na época das primeiras teorias administrativas. No tempo das primeiras formulações teóricas, a transmissão e reprodução do saber administrativo se davam mais de fábrica a fábrica ou em eventuais encontros empresariais, palestras em associações, e em consultorias esporádicas. Diferentemente, as modernas tecnologias gerenciais são expostas com frequência a um grande público formado por alunos de graduação e pós-graduação em administração e ainda por donos e gerentes de negócios que atuam no cotidiano em organizações. Sua difusão é facilitada tanto por literaturas de origem acadêmica quanto pela proliferação de uma literatura *pop-management* (WOOD e PAULA, 2002).

Neste contexto, é importante refletir sobre o início e desenvolvimento do ensino da disciplina organizacional e administrativa no contexto brasileiro. Embora a prática administrativa remonte às experiências de gestão na época da Colônia (FISCHER, 2000), a história dos cursos superiores em Administração (no Brasil) teve início no começo do século 20. Porém, por mais de seis décadas, o ensino da

disciplina administrativa se confundiu com o ensino das ciências econômicas (NICOLINI, 2002). No Brasil, a formalização do ensino da Administração remonta aos anos 50 e 60 (Séc. XX).

O surgimento dos cursos se deu de forma alinhada à ideologia desenvolvimentista que predominava naquele momento histórico (BARROS e PASSOS, 2000; FISCHER, 2000; LOPES, 2002; BERTERO, 2006). Areladas aos ideais desenvolvimentistas, as escolas de administração foram criadas a partir de convênios de cooperação técnica com os Estados Unidos, fato repetido em diversos países latino-americanos, africanos e asiáticos, configurando os chamados pólos de irradiação (FISCHER, 2000). O objetivo era a formação de profissionais com domínio de técnicas complexas, analíticas e organizativas, importadas dos Estados Unidos (FISCHER, 2000; LOPES, 2002).

A criação das escolas se fundamentava na necessidade de formação de professores com a finalidade de provisão de técnicos competentes em quantidade suficiente para trabalhar tanto nas repartições públicas, como nas empresas privadas (BARROS e PASSOS, 2000; FISCHER, 2000). As estruturas empresariais e a estrutura do Estado configuravam-se em um crescente processo de burocratização, no qual, a complexidade crescente demandava a utilização de novas tecnologias operacionais (LOPES, 2002). Isto evidencia o predomínio da racionalidade instrumental na disciplina administrativa desde as suas origens no cenário nacional (BARROS e PASSOS, 2000). Salm (1993) argumenta que a racionalidade instrumental, predominante nas organizações burocráticas, sempre imperou também na formação dos administradores.

A expansão do ensino da administração no país, evidenciada pelo fenômeno da proliferação das escolas, sem correspondente em nenhuma outra área (FISCHER, 2000), se deu principalmente, em faculdades isoladas e privadas, desvinculadas do processo científico de construção de conhecimento, próprio das universidades. Em especial nos últimos anos, observa-se uma massificação dos cursos de Administração que não condiz com a natureza oligárquica da função do administrador (BERTERO, 2006). Gradativamente, as inúmeras escolas de administração assumiram um caráter de escolas de negócios, de preparação de *businessman* – a proliferação dos MBA's exemplifica isto. Os parâmetros para a

formação dos administradores passaram a basear-se quase que exclusivamente no paradigma de mercado (GURGEL, 2003; SALM, 1993).

É nesse contexto que se inscrevem as tecnologias gerenciais ensinadas nos cursos de Administração contemporâneos (SALM, 1993). A ênfase recai sobre valores econômicos, imperando uma racionalidade própria a esses valores. Tais tecnologias passaram a se suceder em um ritmo acelerado, impondo-se como modismos, acolhidas e reproduzidas de forma acrítica nas instituições de ensino, configurando o que Santana (2003, p. 1) chama de “fetiche da novidade na administração”.

Gurgel (2003) argumenta que as escolas de gestão se posicionam no mercado do *management* como difusoras do conhecimento administrativo, revestidas com sua aura de cientificidade. O saber administrativo colocado como conhecimento científico, parece de fato se referir a um saber tecnológico, que materializa tecnologias gerenciais que hoje, “não são ensinadas somente nos postos de trabalho, mas, sobretudo, nos cursos específicos *stricto* e *lato sensu*, [...] carregadas de valores ideológicos de modo tão consistente que se transformam em veículo por excelência de sua difusão.” (GURGEL, 2003, p. 27). Este saber fazer administrativo é apresentado como um produto socialmente necessário para que o progresso se efetive. Kanitz (2005, p. 21) interroga: “o que o aumento da participação dos administradores significará para o Brasil?”; e responde: “uma nova era muito promissora. Finalmente seremos administrados por profissionais, e não por amadores.”

Segundo Faria (2004), aparentemente, tal destaque para os administradores parece culminar, na contemporaneidade, com a sua inserção na nova elite. Porém, contraditoriamente, os gerentes, em lugar de pertencerem eles próprios à nova elite, agem como elementos funcionais do sistema capitalista contemporâneo, alimentados muitas vezes pelo poder simbólico e pelo estímulo sistemático dos processos de treinamento-qualificação, que se dão muito mais no âmbito das organizações de mercado do que no espaço escolar.

ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Tendo em vista o objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de natureza qualitativa aqui entendida como “uma atividade [historicamente] situada que coloca o pesquisador no mundo, consistindo num campo de práticas materiais e interpretativas que tornam o mundo visível” (DENZIN e LINCOLN, 2000, p. 3). A pesquisa qualitativa mantém o foco nos processos de significado visando à compreensão de indivíduos, grupos, organizações e trajetórias (GOLDENBERG, 1997).

A entrevista foi a técnica de coleta de dados utilizada, sendo realizada dois tipos: a) entrevista com elementos de história de vida (HV): por possibilitar ao narrador tomar a si mesmo como personagem (QUEIROZ, 1988, p. 36), estando tal técnica “a cavaleiro de duas perspectivas: a do indivíduo [...] e a de sua sociedade com sua organização e seus valores específicos [sendo] técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social”; e b) entrevista ficcional: por fazer emergir o vivido do sujeito, em sua liberdade criativa, sob a forma de uma narrativa, iniciando com uma exposição, por parte do entrevistador, de uma situação hipotética, realista, a partir da qual o entrevistado pode criar a sua narrativa ficcional. A entrevista suportada por este tipo de narrativa oferece ao entrevistado maior possibilidade para seleção do material empírico existencial e experiencial, sendo-lhe dada completa liberdade na criação da narrativa, uma vez que ele não está aprisionado à ‘verdade’ (ALBANDES-MOREIRA, 2002).

As duas entrevistas realizadas com cada sujeito aconteceram em momentos diferentes. A primeira entrevista, na qual se utilizou elementos de HV, era dividida em duas etapas: (i) com questões ligadas à universidade evocando narrativas sobre a história de vida estudantil antes de entrar na universidade – para os alunos iniciantes – e antes e durante a vida universitária – para os alunos concluintes; nesta etapa, também eram propostas questões sobre as dimensões ensino, pesquisa e extensão; (ii) com perguntas relacionadas à Administração e ao curso de Administração, evocando os motivos da escolha do curso e uma avaliação pessoal quanto ao acerto ou erro na escolha do curso de Administração. Já a segunda entrevista (ficcional), visava à emergência das representações de administrador e se desenvolveu a partir do roteiro ficcional fornecido.

O campo da pesquisa consistiu de duas universidades públicas federais situadas em um estado do nordeste brasileiro. Uma das universidades, aqui denominada ficticiamente de Alfa, tem sua sede na capital do estado e um campus avançado, doravante Beta, em uma cidade do interior. A outra universidade, aqui chamada de Ômega, é sediada em uma cidade do interior do estado. A escolha dessas universidades se deu por acessibilidade dos pesquisadores a elas. Os doze sujeitos de pesquisa que foram entrevistados eram alunos iniciantes (seis) e concluintes (seis).

Tendo em vista uma melhor compreensão das narrativas empreendidas pelos sujeitos, após a realização das vinte e quatro entrevistas, todas foram integralmente transcritas e as informações categorizadas como resultado do processo de imersão-impregnação-compreensão das falas individuais, estas tomadas como uma narrativa totalizante sobre o tema. Empreendeu-se um exercício reflexivo, através de um constante movimento pendular entre as partes e o todo da narrativa, evitando tratar as falas de maneira estanque e fragmentária. Por razões de espaço, somente trechos representativos são socializados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Primeiramente, apresentam-se as representações que emergiram nos discursos dos alunos sobre universidade, curso, Administração e administrador, seguidas da discussão.

A Universidade

Conforme falas constantes no Quadro 1, das representações de universidade emergem conteúdos relacionados a três momentos: antes da entrada na universidade (Un1), onde figuram a razão de se fazer um curso universitário e o motivo da escolha da universidade (Un2); no decorrer do curso universitário, de onde desponta a categoria representativa de como é percebido o ensino na universidade (Un3) e de como o sujeito se sente durante a adaptação ao ensino universitário; e em um terceiro momento, os sujeitos falam sobre as perspectivas, as quais surgem a partir das expectativas que eles têm sobre as oportunidades para sua vida pós-universidade, em decorrência do seu crescimento profissional e pessoal, ocorridos por meio dela.

Um	Falas
Un1	Razões para entrar na Universidade
Un1a	Por exigência do mercado: Hoje, o nível superior é praticamente uma alfabetização, quem não tem nível superior hoje tá difícil a situação (CB1b)
Un1b	Para realizar um sonho: É aquele negócio, você estuda tanto, sonha tanto em entrar na universidade, [...] (CA1b)
Un1c	Pela conquista: Eu via a universidade como uma etapa nova na minha vida que eu tinha que conquistar, algo que eu tinha que conquistar. (IO1A)
Un2	Fatores que levaram à escolha da Universidade
Un2a	Porque é gratuita: Ah, eu queria fazer vestibular pra Alfa porque é uma universidade pública, porque não tem que pagar. (IA1a)
Un2b	Porque é federal: O fato de ser Federal tem muito peso. (IO1a)
Un2c	Porque é a melhor: O que levou foi que eu considero ela como a melhor instituição de ensino do nosso Estado [...] (IB1a)
Un2d	Por status: A escolha pela [Nome da Universidade], primeiro aquela coisa de ser público e ser gratuita, isso aí é um fator importantíssimo, segundo o status do curso, até hoje ainda tem isso, e na época era mais forte essa coisa de fazer faculdade particular não era valorizado, não tinha status, era coisa pra, digamos assim, aluno de segunda categoria, sem meias palavras [...] (CA1a)
Un3	O ensino na Universidade
Un3a	Independência (visão positiva): Eu acho que é um pouco assim, diferente do ensino médio, porque aqui eu acho que o professor, assim, não pega tanto no pé, assim. Ele meio que orienta e às vezes se você não quer nada assim, ele não tá nem aí. Mas, eu gosto (CO1A)
Un3b	Independência (visão negativa): Se o aluno não tiver correndo atrás de certas coisas, ninguém lhe ajuda ninguém vai atrás pra você, é meio tipo assim, cada um se vira, eu não acho que isso é muito bom não, acho que deveria ter mais estímulo por parte dos professores, dos administradores, aquela coisa de realmente ajudar ao aluno. (CA1a)
Un3c	Relação com os professores: Eu acho que a universidade é boa, mas depende muito, tanto do aluno, quanto do professor. (IA1b)
Un3d	Exige maior esforço: Eu achava assim que, [a Universidade] seria mais ou menos do jeito que é agora, que seria pesado [...] Aí eu via assim, que ia ser bastante pesado, ia ter que estudar bastante. Já entrei com essa visão que não estava mais no ensino médio e não era mais daquela forma, ia ter que me esforçar e me adaptar. (IO2a)
Un3e	Mudança de hábitos: É como se fosse, é como uma vida dentro da faculdade. Você tem amigos, você estuda, passa o dia na faculdade. Realmente, é como eu falei no começo, você muda de vida realmente. Assim, de muitos hábitos, muda. Paga realmente, o preço por estar aqui [...] (IO1b)
Un4	Perspectivas de futuro
Un4a	Crescimento: Bom, eu vejo a universidade como uma grande escola mesmo, sabe? Que a gente entra verdinho e sai maduro. Porque é lá onde a gente passa, são, praticamente cinco anos que a gente passa lá dentro, e a universidade pra mim é uma grande escola que ajuda na nossa vida profissional, pessoal, tudo. (CB1b)
Un4b	Futuro: A faculdade que era uma coisa muito importante pra mim profissionalmente, meu futuro. Era meu futuro. (IO1a)
Un4c	Oportunidade: É uma questão de oportunidade, eu vejo isso aí como uma grande oportunidade na vida da pessoa. (IB1a)

QUADRO 1 – Representações de Universidade

Fonte: dados da pesquisa (2009)

Em seu discurso, os sujeitos discorrem sobre a entrada na universidade como uma conquista pessoal, como a realização de um sonho (do sujeito ou da família), e como um processo de continuidade dos estudos, sobretudo para suprir as exigências do mercado (Un1). Sobre o motivo da escolha da universidade - onde emergiram as representações acerca dos fatores levados em conta, quando da opção por determinada universidade - como o campo compõe-se por alunos de universidades federais, aparecem no discurso elementos ligados à gratuidade (Un2a): ao fato da universidade ser pública, não cobrar mensalidade; ao prestígio

que ela tem perante a sociedade, por ser considerada a melhor (Un2c), ter maior estrutura, ser federal (Un2b); e ao status (Un2d) advindo de se estudar naquela universidade, que foi justificado por vezes pela forma de seleção mais restritiva, o que dá a idéia de que nela estão os alunos mais aplicados (Un2). Já no decorrer do curso universitário, despontam colocações referentes ao ensino na universidade (Un3). Nesse sentido, os sujeitos expressam que a universidade provoca mudança de hábitos em sua vida estudantil e pessoal. Destaca-se a independência proporcionada pela universidade. Nesse ponto, os sujeitos dividem-se entre aqueles que consideram a independência um fator positivo (Un3a), e os que a consideram um fator negativo (Un3b). Essa relação de independência é percebida, também, quando se fala na relação com os professores. Um terceiro aspecto ligado à categoria ensino na universidade está conectado à necessidade de um maior esforço (Un3d), e de se estudar mais do que acontecia no ensino médio. Distingue-se a independência e a relação com os professores (Un3c) como ligadas ao que se espera da universidade; já esforço está aliado às perspectivas que o aluno tem sobre sua própria postura.

Em relação às perspectivas ligadas à realização de um curso de ensino superior, a universidade é vista como um local de fomento do crescimento (Un4a), tanto pessoal, no sentido de amadurecimento, quanto profissional, de obter conhecimentos teóricos acerca do ofício que se pretende exercer; como uma oportunidade (Un4c) em si, ou como local a partir do qual podem surgir oportunidades futuras (Un4b). Assim, acaba por conectar-se à própria expectativa de futuro dos alunos, já que o crescimento e as oportunidades advindas da universidade influenciarão sua vida após a conclusão do curso universitário (Un4).

O curso de Administração

Em linhas gerais, no que tange à escolha do curso de Administração, percebe-se na narrativa como um todo - cujas falas ilustrativas constam no Quadro 2 - que a mesma está pouco associada à vocação, à identificação, à afinidade, ou às perspectivas de carreira que se pretende seguir no futuro. Nessa linha de cursar Administração por vocação (Cad1), estão os perfis dos empreendedores (Cad1a) - sujeitos que escolheram Administração porque pretendem abrir seu próprio negócio; e dos alunos que estão ligados à pesquisa e querem exercer a docência (Cad1b).

Cad	Falas
Cad1	Administração por vocação
Cad1a	Empreendedor: Fiz pra Administração. Desde sempre. Desde o primeiro ano do ensino médio, que eu já sabia que queria. [...] Assim, eu acho que me fascina essa coisa de maximizar o lucro, de gerar emprego, de gerar riqueza, mesmo. Apesar de que micro e pequena empresa não tem muita coisa a ver com riqueza. Mas você sempre tem ferramentas pra tentar chegar [...] Eu acho muito lindo, muito bonito, mesmo. (CA1b)
Cad1b	Docência: Então, eu percebi que eu precisava fazer uma faculdade e foi quando eu decidi fazer Administração. Por exemplo, têm muitas pessoas na minha sala que fizeram, tentaram outras coisas na [Nome da Universidade] e surgiu Administração e tentaram. Eu não. Eu já, eu tinha tentado Administração na [Nome da Universidade], só que, fiquei na suplência, não consegui (...) Então, eu já sabia, no primeiro período, eu já sabia: eu tenho que entrar num grupo de pesquisa, eu tenho e quero fazer isso. E pronto. (CO1b)
Cad2	Administração por conveniência
Cad2a	Por falta de opção: A princípio aqui na cidade, assim, foi por, até mesmo porque eu considero que tenha sido uma falta de opção. Aqui a gente tem poucas opções aqui na cidade, tá certo? É por isso que eu procurei esse curso, tá certo? (IB1a)
Cad2b	Por indecisão: Eu era uma menina de 17 anos que não tinha, assim, uma visão de querer ser uma médica ou querer ser uma enfermeira ou querer ser outra coisa. Então, eu vi que [na Cidade] tinha o curso de administração e letras. E eu escolhi administração porque era aqui, aí meu noivo era daqui, minha família era daqui... mas eu não me arrependo. (CB1a)
Cad2c	Porque tem negócio na família: Na minha cabeça eu queria fazer administração por causa do comércio [do pai], mais aí quando foi no terceiro ano (do ensino médio) foi que eu me decidi realmente porque foi, eu olhei outros cursos, fiz até aqueles testes, mas nada dava certo, então foi quando eu resolvi fazer administração pra ir em frente com o negócio da família. (IB1b)
Cad3	Curso generalista: diversidade de matérias: (...) de todos os cursos que tinham na faculdade, era o que mais me interessava era o que mais me chamou atenção por eu acreditar que seria um curso rico que teria assim, muitas matérias aplicáveis em muitas áreas. (CO2a)
Cad4	Curso complementar: (...) Então, com certeza, um contador, um advogado, um médico, um arquiteto, um engenheiro, ele vai precisar do curso de Administração. Então, se está em dúvida, Administração é um bom começo. (CA1b)
Cad5	Curso substituto: (...) porque a princípio eu queria outro curso, psicologia. Mas, não tem aqui, aí eu fui fazer na [Universidade em outro Estado] aí eu passei pro segundo semestre. Como eu passei no segundo semestre lá, eu decidi cursar o primeiro aqui. Posso até voltar. [...] Mas, eu sempre quis psicologia. (IO1a)
Cad6	Um curso voltado para a prática: porque quando a gente pensa em Administração, a gente pensa em mexer com contas, com dados, com escalas, essas coisas e não com matérias decorativas, entendeu? Eu quero, assim, matérias mais práticas dentro do curso. (IB1b)
Cad7	O sentimento em relação ao Curso
Cad7a	Frustração: Olhe, as expectativas quanto à universidade eram muito grandes. Aí você, quando entra, lá dentro nota que é meio frustrante.. Você entra no primeiro semestre, e dizem, "ah, o curso começa no segundo ano", e no segundo, "começa no terceiro", e o curso nunca começa. E eu estou me formando agora, e o curso ainda não começou. Foi meio frustrante, com relação ao curso. (CA1b)
Cad7b	Realização: E eu acho que eu fiz a escolha certa, por isso, assim, pelo campo, pelo monte de coisas que eu vou ter pra fazer, quando sair daqui. (CO1a)

QUADRO 2 – Representações do Curso de Administração

Fonte: dados da pesquisa (2009)

A maior parte da narrativa, contudo, refere-se à escolha do curso por motivos de conveniência (Cad2), tais como falta de opção (Cad2a), por considerá-lo fácil de passar e de cursar, por indecisão (Cad2b), quanto a qual carreira seguir, e como uma escolha decorrente do fato da família do aluno ter um negócio e o mesmo pretender administrá-lo no futuro. Nesses casos, visualiza-se uma indefinição dos sujeitos quanto aos conhecimentos que esperam obter do curso de Administração, ou mesmo sobre a carreira de administrador.

O curso de Administração é por eles considerado como amplo, generalista,

que envolve áreas diferentes e oferece opções de carreira diversificadas (Cad3). Por essa razão, o discurso mostra que quando há indecisão ou indefinição sobre o panorama de carreira, o curso de Administração torna-se atrativo por oferecer um leque de oportunidades diferentes.

Convergentemente com essa visão, está a idéia de Administração como um curso substituto (Cad5). Nesse sentido, verifica-se repetitivamente nas falas a preferência dos alunos por outro curso. No entanto, é também quase unânime a satisfação dos mesmos sujeitos com a escolha realizada. A justificativa utilizada por eles para esse contentamento é a alta generalidade, a versatilidade, a variedade de opções de aplicação que a Administração lhes oferece. Julga-se que qualquer pessoa possa, e deva, cursar Administração, inclusive outros profissionais, como um curso complementar (Cad4).

Em relação ao que se espera do curso, foram recorrentes falas sobre a necessidade de se relacionar mais estreitamente a prática com a teoria (Cad6). Nesse sentido, os sujeitos exprimem o desejo de que mesmo a parte teórica do curso esteja amparada pela prática. No que diz respeito ao sentimento (Cad7) em relação ao curso, emergiram da narrativa representações díspares, como frustração e desmotivação (Cad7a), ou realização (Cad7b). Os sentimentos negativos parecem surgir de expectativas não confirmadas; foram percebidos naqueles que consideram Administração uma ferramenta, estando, portanto, ligada ao relacionamento prática e teoria, à funcionalidade. Além disso, é possível identificar conexão entre a percepção que se tem sobre o ensino na universidade, e o sentimento em relação ao curso.

A administração

O Quadro 3 apresenta algumas falas que sintetizam as representações de Administração predominantes na narrativa do grupo entrevistado. Os sujeitos transitam entre idéias e conceitos não de todo convergentes, como ciência (Ad1) e arte (Ad2), por exemplo, derivando para indefinições (Ad6) ou visões totalizantes em relação à Administração (Ad5). Ao falarem da Administração como ciência (Ad1), em geral, os sujeitos relacionam ciência com a idéia de sistematização, sendo a Administração uma ciência por se apresentar como um campo de estudo em que já

há conhecimentos sistematizados. Há entrevistados que se referem à Administração como tendo vários lados, dos quais, em termos de ciência, há um “lado de ciência social da Administração”. Já os conteúdos ligados à Administração como arte (Ad2), emergiram estabelecendo relação não só com habilidades pessoais, mas também com dom e vocação. Assim, os entrevistados narram a Administração como algo possível apenas para aqueles “artistas” que se envolvem num processo criativo a partir daquilo que já carregam consigo, como um a priori: o dom e a vocação.

Ad	Falas
Ad1	Administração como Ciência: Pra mim assim, [administração] é uma ciência, é um campo de estudo, é algo que você, assim, que você pesquisa, que você estuda. É algo prático também, eu acho. (CO1a)
Ad2	Administração como Arte: Na verdade eu concordo mais com uma frase que o Drucker diz que a administração é mais arte do que ciência, eu vejo por aí. (CA1a)
Ad3	Administração como Mediação
Ad3a	Enquanto ferramenta: Zootecnia porque eu gostava, mas eu vi que faltava alguma coisa, eu vi que precisava de uma ferramenta, um conhecimento a mais. (IA1b)
Ad3b	Enquanto função: Administração, Administração é... É... Eu entendo que administração seja uma função muito importante na vida das empresas (IB1a)
Ad3c	Para alcance de objetivos: Então, administração é totalmente importante pra conseguir os objetivos, seja da sua vida, seja da organização que você faz parte. (CO1b)
Ad4	Administração como Pragmatismo: Então eu acho que o curso de administração ele volta também pra uma cabeça mais central, mais pragmática, em função de resultados, e não como outros cursos de ciências que é uma cabeça mais aberta que procura ver além. (IA1a)
Ad5	Administração como Tudo: Tudo, Administração é tudo. (CA1b)
Ad6	Administração como uma Indefinição: Fico muito triste quando algumas pessoas dizem que a administração não é ciência assim como uma vez o professor X comentou em sala de aula, e sim como ferramenta... como ferramenta de...de...de trabalho [...] mas enquanto pelo que eu acho assim é... a administração, ela... é... realmente assim uma arte eu... uma vez eu li e é realmente uma arte eu vi que pra administrar não é... não é... não é... ler como é que se faz e fazer, a pessoa precisa ter o dom. (IA1a)
Ad7	Administração como um Adiantamento: [Administração pra mim é] faculdade, como se fosse algo assim que eu tenho que aprender na faculdade. Como se fosse mesmo uma área de estudo e que depois vem a prática, depois da faculdade vem a prática. Você vai colocar em prática, o que você aprendeu aqui na faculdade. (CO1a)

QUADRO 3 – Representações de Administração

Fonte: dados da pesquisa (2009)

A Administração como mediação (Ad3) emerge nas falas dos sujeitos via um discurso metafórico sistêmico, em que a Administração figura como um instrumento, uma espécie de ferramenta (Ad3a), necessária ao bom funcionamento das organizações (Ad3b). Por vezes, os entrevistados se referem à Administração de pessoas sob essa perspectiva instrumental, em que a Administração se torna indispensável para “saber mexer com as pessoas”, tendo em vista a manutenção da produtividade e eliminação de conflitos, nas organizações-sistemas. Nesta mesma linha, a Administração é percebida pelos alunos entrevistados como meio para alcance de objetivos, ora narrados como objetivos de toda ordem (Ad3c), ora narrados como objetivos, metas e resultados exigidos em uma esfera que está para além dos muros da universidade: o mundo das práticas. Convergentemente, os

sujeitos percebem a Administração como algo muito pragmático (Ad4), sempre atrelada aos resultados que devem ser atingidos, o que, especificamente para IA1a, seria a razão de uma diferença de postura entre alunos de Administração e alunos de outros cursos.

Os dados levantados em campo são muito recorrentes no que se refere a uma valoração positiva da Administração, em que os sujeitos a narram como algo muito importante, que representa um amplo leque de oportunidades. Seguindo esta mesma linha de valoração positiva, as falas se encaminham para uma espécie de síntese em que a Administração é, então, apresentada como algo totalizante (Ad5): administração é tudo, serve pra tudo e todos.

O livre trânsito dos sujeitos entre dimensões não de todo conciliáveis acaba por se desvelar como uma grande indefinição sobre o que seja realmente a Administração para eles, o que parece gerar sentimentos que lhes incomodam (Ad6). Não estando certos sobre o que é a Administração, os sujeitos vão buscar essa resposta em instâncias exteriores a si mesmos - o professor (Ad6) ou o livro (Ad2, Ad6) -, e acabam por descobrir que a indefinição não é apenas deles; também lá, externamente, a indefinição existe.

Ainda, as representações socializadas pelos sujeitos, no tocante à Administração, apontam para uma lógica de adiamento (Ad7), segundo a qual a Administração é narrada como algo que está sempre no porvir, que está ou depende de um outro tempo e espaço existenciais. Assim, uma compreensão possível para o estranho uso do termo “faculdade” (Ad7) para conceituar Administração é a de que estes sujeitos colocam a “faculdade” no lugar daquilo que é para eles uma indefinição e também um adiamento, é algo que está no futuro, para além da vida universitária, num outro território existencial.

O administrador

O Quadro 4 oferece algumas falas que exemplificam as representações mais recorrentes sobre o administrador. Em geral, como esperado, são falas oriundas da segunda entrevista, quando os sujeitos criaram narrativas ficcionais sobre o futuro.

Ado	Falas
Ado1	O Futuro Proprietário
Ado1a	Como Empreendedor: [...] um empresário de sucesso já de uma multinacional e que tem uma filial lá na Espanha, mas a sua matriz é aqui.. lá no Brasil. [...] Então, eu abri a minha empresa (IA2a).
Ado1b	Como Sucessor: Vamos ter um grupo de empresas, onde vai ser mais especializado, vai ser uma gerência mais forte, vai ter... elas vão ser mais bem geridas, para que não haja concentração de atividades em uma só pessoa. Eu vou estar muito bem, se Deus quiser. Não só eu, porque como é uma empresa familiar, toda a minha família vai estar muito bem. [...] Vai ter um conselho que vai definir as principais decisões, e nossos subordinados vão executar as atividades. E meus objetivos eu vou ter alcançado, se tudo der certo, eu vou ter minha casa, meu carro, férias, vou poder viajar pelo Brasil. (IA2b)
Ado2	O Futuro Professor: Foi ótima, era um congresso sobre administração e eu, era professora também. Já tinha feito o mestrado e doutorado na área. (CO2b)
Ado3	O Futuro Executivo (Servidor Público): Hoje, em 2019, eu vou ser otimista no cenário. Tô bem, superintendente do banco aqui no estado. (CA2a)
Ado4	Um mix na carreira: Em 2019, eu já tô quase perto de me aposentar nos CORREIOS e uma mega-empresária no ramo de confecções infantis. [...] A minha carreira como administradora vai estar no auge. (CB2b)

QUADRO 4 – Representações de Administrador

Fonte: dados da pesquisa (2009)

Seguindo a mesma lógica das representações de administração, as representações de administrador são bem variadas. Alguns narram a si mesmos como empresários de sucesso, ora como grandes empreendedores (Ado1a), ora como sucessores em empresas familiares que eles abriram ou ajudaram a crescer (Ado1b). Outros se projetam para o futuro como professores (Ado2). Apenas um empreendeu uma narrativa em que se colocava como administrador profissional, em uma instituição financeira pública (Ado3), e outros investiram em carreiras mistas, associando emprego público com negócio próprio (Ado4).

Um dos entrevistados que narra sobre si mesmo como empresário de sucesso expôs como “montaria” sua empresa em termos de gestão. No geral, ele colocou como gestores amigos de confiança que não eram graduados em administração, mas que gostavam e eram bons em uma determinada área (recursos humanos, vendas, financeiro – IA2a).

Daqueles que narram sobre si mesmos como empresários, há casos em que o professor escolhido para o encontro foi aquele que, além de lecionar, também era dono de empresas. Eles justificam tal escolha argumentando ser esse professor o

único que ensinou algo que lhes serviu na carreira. Especificamente IA2b narra o crescimento da empresa familiar: após dez anos da sua formatura, a empresa já estaria grande o suficiente parecendo lhe permitir um lugar de desfrute (Ado1b). Ele como que divide as atribuições dentro do negócio, e silencia sobre si mesmo enquanto administrador.

No tocante aos estudos, quase todos afirmam que teriam continuado estudando depois da graduação. Alguns dizem já ter feito alguma especialização, outros mestrado e doutorado, e outros afirmam ter cursado MBA salientando que não buscaram nada com perfil acadêmico.

Já os que se narram como professores, fazem referência a professores pesquisadores que tiveram durante a graduação, e idealizam o evento em que se encontram com o professor como um evento acadêmico ligado à pesquisa, que eles chamavam de “negócio científico” (CO2b). Quando interrogado sobre o motivo de ter escolhido a docência, CO2b justifica como uma espécie de trabalho mais tranquilo em comparação à vida de administrador que tem que lidar com stress em situações diárias de conflito e exigências ligadas à chefia.

Outros entrevistados optaram por uma composição entre carreira no serviço público com negócio próprio, sem, no entanto, especificarem seu trabalho como gestores públicos e nem descreverem sua gestão no empreendimento particular.

Em linhas gerais, excetuando o “futuro executivo” (Ado3), os demais entrevistados têm dificuldade em narrar uma carreira de administrador propriamente dita. Acompanhando a indefinição e o adiamento emergente nas representações de Administração, aqui também, nas representações de Administrador, há um silêncio, um vácuo discursivo. No lugar do administrador, eles colocam o proprietário, o professor ou o servidor público.

Discussão sobre as representações

No que tange às representações sobre universidade, na totalidade da narrativa há predominância de conteúdos referentes à visão, por parte dos sujeitos, da existência de uma relação de troca. Fala-se nesse tipo de relação de duas vias, tanto entre universidade e aluno, quanto entre aluno e professor. Essa perspectiva condiz com a visão de Motta (1986), quando afirma que a prática científica na universidade moderna está voltada para a produção de conhecimentos que possuam valor econômico, e estejam dirigidos para o mercado.

Outra dimensão emergente, e conexa à visão de educação como mercadoria, são os fatores levados em conta na escolha sobre qual universidade cursar. Essa conexão condiz com a visão de Covre (1982), de que na sociedade prevalece a relação da universidade como ligada aos interesses da classe dominante. Ao mesmo tempo, difere da percepção de Castanho (2000), quando o autor fala na publicidade - no sentido de possuir natureza não discriminatória, e atender ao interesse público, em detrimento do privado - como característica originariamente inerente às universidades. Nas representações sobre a escolha do curso de Administração, tem-se que a escolha consciente pelo curso é pouco recorrente, se comparada às escolhas por motivos de conveniência. Nesse ponto, um entendimento possível, similar ao de Bertero (2006), é de que a facilidade no acesso aos cursos de Administração, e sua massificação nos últimos tempos, não condiz com a natureza da própria profissão.

Ao mesmo tempo em que se percebe uma falta de delimitação sobre a carreira que escolheram seguir, torna-se evidente no discurso dos sujeitos sua satisfação com a escolha realizada, até em detrimento da própria vocação. A justificativa utilizada sobre a aprovação em razão da generalidade do curso, coincide com a visão de Bertero (2006) sobre o paradoxo da expansão do campo por meio da indústria administrativa, mesmo face à ineficiência dos estudos na área em apresentarem respostas convincentes às dúvidas existentes.

Os sentimentos negativos em relação ao curso aparentam relacionar-se à representação de educação como mercadoria, de forma que, quando o valor percebido entre o “preço pago” e a qualidade do que é recebido resulta em uma

relação desfavorável ao sujeito, ele passa a se sentir frustrado e desmotivado. No campo analisado, o sentimento negativo é percebido nos alunos concluintes. Essa análise pactua com os estudos realizados sobre o valor percebido no curso (COSTA, 2008; LEBLANC e NGUYEN, 1999), de que acontece uma diminuição no entusiasmo e aumento no posicionamento crítico dos alunos ao longo dos anos de curso. Entretanto, uma compreensão também possível é a de que este sentimento negativo em relação ao curso esteja associado à indefinição e ao adiamento com que eles representam a Administração, pois, não se sabendo bem o que ela é, e igualmente sabendo-se que ela se acha refém do mundo das práticas, mundo que está para além dos muros da universidade, os sujeitos como que investem numa racionalização (LAPLANCHE e PONTALIS, 1992, p. 423) em que a universidade, o curso e os professores são narrados como instâncias que objetam a sua realização como aluno.

Já a valoração positiva atribuída ao curso pelos sujeitos em razão da variedade de opções de aplicação e diversidade no currículo, concorda com a visão de Gurgel (2003) sobre a instituição da administração flexível como dimensão ideológica predominante nos cursos de administração contemporâneos.

Quanto às representações de Administração e administrador, as falas dos sujeitos como que evidenciam a “encruzilhada e/ou armadilha conceitual” em que estão envolvidos, que lembra o pensamento de Ramos (1983, p. 81): “a cidadela do conhecimento organizacional de nossos dias é semelhante a uma torre de Babel [em que reina] uma confusão de línguas ensurdecedoras.” De forma semelhante à literatura administrativa prevaiente, este grupo alterna em conceituar a administração como uma ciência ou uma arte, evocando também conteúdos mais ligados ao senso comum.

Ao analisar algumas facetas deste debate, Raymundo (2006, p. 12) argumenta que “enquanto a medicina está presa aos cânones das suas enciclopédias, a administração transita livremente entre o senso comum e as teses de mestrado e doutorado”. Diante das imprecisões, impõe-se uma reflexão sobre algumas possibilidades de exercícios conceituais, não de todo conciliáveis, por vezes paradoxais: (a) Quando a administração busca testar e comprovar hipóteses, e generalizar resultados, sendo estes tratados como conhecimentos a serem

aplicados universalmente, trata-se de uma ciência exata?; (b) A administração, quando busca compreender os fenômenos humanos/sociais que ocorrem no interior das organizações, e destas na sociedade, poderia ser definida como uma ciência social?; (c) Quando trata de criação, habilidade, talento, emoção, criatividade, será a administração uma arte?; (d) Quando é apresentada como ação e aplicação, denomina-se uma tecnologia? E (e), quando justifica a intervenção na vida das pessoas tendo em vista o alcance de objetivos e resultados exteriores a elas, trata-se de um fenômeno político?

Parece ser a representação da Administração como mediação, que só se concretiza no contexto do mundo das práticas, que parece explicar todo esse impasse presente na narrativa. Este lugar de meio, que parece ser o destino do futuro administrador, é o lugar que eles querem evitar, lugar de predomínio da racionalidade instrumental, em que suas competências serão julgadas a partir dos resultados e do valor que geram para terceiros, e não para si mesmos, lhes impondo, por vezes, situações eticamente conflituosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta investigação é compreender as representações de universidade, curso, Administração e administrador, de graduandos em Administração – iniciantes e concluintes – de duas universidades públicas federais de um estado do nordeste brasileiro. Desse modo, considerando as falas dos sujeitos entrevistados, o objetivo da pesquisa foi alcançado ao identificar que nas representações de universidade apontam o antes da entrada na universidade, o decorrer do curso universitário, e as perspectivas. Quanto ao curso de Administração, tem-se que existem alunos que escolhem estudar Administração por vocação ou por conveniência, ressaltando que o primeiro é mais raro acontecer. Os entrevistados percebem o curso de Administração como sendo generalista, complementar, um curso substituto e voltado à prática. Sendo que o sentimento em relação ao curso, vai desde a frustração à realização.

Em relação à Administração, os respondentes ligaram o termo à ciência, arte, como sendo uma forma de mediação, como pragmatismo, como tudo, como indefinição e como um adiamento. Finalmente, na representação de Administrador,

os sujeitos tomam a carreira como futuro proprietário, professor, executivo do serviço público e um mix de carreira.

Assim, os resultados autorizam afirmar que ainda é necessário refletir sobre a natureza e sobre o papel da Administração na sociedade, considerando a universidade e a carreira do administrador, embora, Covre (1982) e Gurgel (2003) já tenham alertado para esse tipo de reflexão. Destaca-se que por meio desse tipo de trabalho, poder-se-á ter profissionais e pesquisadores focados no desenvolvimento do campo disciplinar da Administração visando à ampliação das possibilidades de relevância social deste campo.

Reconhece-se que o estudo aqui apresentado possui limitações. Dentre elas, pode-se citar os fatos de ter entrevistado apenas discentes da rede pública, especificamente, das universidades federais, e de ter se concentrado em apenas um estado brasileiro. Outros estudos podem enriquecer o debate com campos de pesquisa mais amplos, incluindo alunos de universidades estaduais e de universidades particulares, bem como sugere-se a aplicação da pesquisa em outros estados da federação.

REFERÊNCIAS

- AKTOUF, O. Ensino de Administração: por uma Pedagogia para a Mudança. **Revista Organizações e Sociedade**, v.12, n. 35, outubro/dezembro, 2005.
- ALBANDES-MOREIRA, L.A. **An Exploratory Study on the Nature of the Representations of Organization, manager and management within a group of teachers of a business school**. 2002. Tese (Doutorado) – École des Hautes Études Commerciales, Montreal, Quebec, 2002.
- ALBUQUERQUE, J.A.G. Introdução: Althusser, a Ideologia e as Instituições. In: ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- BARROS, M.J.F.; PASSOS, E.S. Remando a Favor da Maré: racionalidade instrumental no curso de administração de empresas. **Revista Organização & Sociedade**, Salvador, v. 7, n. 19, set/dez. 2000.
- BERTERO, C.O. **Ensino e Pesquisa em Administração**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.
- CASTANHO, M.E.L.M. **Pedagogia Universitária: a aula em foco**. 5. ed. Campinas (SP): Papyrus, 2000
- COSTA, F.J. Formação em administração na perspectiva do aluno: valor percebido no curso, percepção do prestígio e identificação com a profissão. **Revista Ciências Administrativas**, Fortaleza, v. 14, n.1 , p. 151-163, ago. 2008.
- COVRE, M.L.M. **A Formação e a Ideologia do Administrador de Empresa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.
- DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. Introduction: the Discipline and Practice of Qualitative Research. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (Org) **Handbook of Qualitative Research**. 2 ed. London: Sage Publications, Inc. 2000, p. 1-28.
- FARIA, J.H. **Economia política do poder: fundamentos**. Curitiba: Juruá, 2004. v. 1.
- FISCHER, T.M.D. **A Difusão do Conhecimento sobre Organizações e Gestão no Brasil: seis propostas de ensino para o decênio 2000/10**. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 1., 2000, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ANPAD, 2000, 1 CD-ROM.
- GOLDENBERG, M. **A Arte de Pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Ed. Record, 1997.
- GURGEL, C. **A Gerência do Pensamento: gestão contemporânea e consciência neoliberal**. São Paulo: Cortez, 2003.
- HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001d. 1 CD-ROM.
- JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Representação. In: **Dicionário Básico de Filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- KANITZ, S. A era do administrador. **Veja**, ano 38, n. 1, 5 jan. 2005. (Seção Ponto de Vista).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

- LEBLANC, G.; NGUYEN, N. Listening to the customer's voice: examining perceived service value among business college students. **The International Journal of Educational Management**, Bingley, v.13, n. 4, p. 187-198, 1999.
- LOPES, P.C. **Reflexões Sobre as Bases da Formação do Administrador Profissional no Ensino de Graduação**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26., Salvador, 2002. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002, 1 CD-ROM.
- MOTTA, F.C.P. **Organização e poder**: empresa, Estado e escola. São Paulo: Atlas, 1986.
- NICOLINI, A. **Qual será o futuro das fábricas de administradores?** In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 25., Campinas, 2001. *Anais...* Campinas: ANPAD, 2001, 1 CD-ROM.
- QUEIROZ, M.I.P. Relatos Oraís: do 'indizível' ao 'dizível'. In: Von Simson, O.M. **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, 1988.
- RAYMUNDO, P.R. **O que é Administração**. Ed.Brasiliense, Col. Primeiros Passos, 2006
- SALM, J.F. Paradigmas na formação de administradores: frustrações e possibilidades. **Revista Universidade & Desenvolvimento**, Florianópolis: UDESC, n 2, v. 1, p. 18-42, out. 1993. (Série Científica).
- SANTANA, M.W. O fetiche da novidade na administração: para onde vão os modismos? **Revista Conjuntura e Planejamento**, Salvador: SEI, n. 104, p. 26-33, dez. 2003.
- WOOD JR.,T.; PAULA, A.P.P. **Pop-management: pesquisa sobre as revistas populares de gestão no Brasil**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 26., Salvador, 2002. *Anais...* Salvador: ANPAD, 2002.